



O GÊNERO ANEDOTA E SEU EFEITO DE SENTIDO PEJORATIVO NO DISCURSO DE (TRANS) FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER

Elisângela Leal da S. AMARAL (UEMS)¹
Marlon Leal RODRIGUES (UEMS)²

Resumo: A Análise de Discurso (AD), ciência que tem o discurso como objeto, nasce na França de 1960, atribuindo *status* de paternidade a Michel Pêcheux. É também chamada de “disciplina de entremeios” por efetivar-se entre os limites da Linguística, Psicanálise e Materialismo Histórico. Os conceitos que a compõem, permite aos pesquisadores e analistas efetuarem uma leitura representativa de uma coletividade social. No discurso, a(s) ideologia(s), o político, a história, o sujeito, e as condições de produção se aliam permitindo construções de sentidos onde se encontram o passado e o presente por meio dos já ditos, dos (inter)discursos. Para a AD, o sujeito se configura uma representação a partir de um posicionamento social. É nesse sentido que um discurso, ao ser proferido por um sujeito, ecoa a historicidade de um dado grupo, como é o caso da mulher no Brasil. Uma minoria que traz em sua historicidade uma carga histórica de pré-conceito e discriminação. Analisar a representação da mulher no gênero anedota, além de apresentar uma identidade constituída para a mulher nesta sociedade machista, permite um olhar na direção dos sentidos que constituem a identidade do machista, que, ao transformar em piada a imagem feminina, tenta reduzir a objeto de deboche a sua própria origem: a mulher.

Palavras-chave: Discurso. Anedota. Mulher. Identidade.

Abstract: Discourse Analysis (AD), which has science discourse as object, born in France 1960, assigning paternity status to Pêcheux. It is also called "discipline inset" to be effected within the limits of Linguistics, Psychoanalysis and Historical Materialism. The concepts that comprise it, allows researchers and analysts effecting a representative reading of a social collectivity. In his speech, the (s) ideology (s), the political, the story, the subject, and the conditions of production are combined allowing constructions of senses where the past and present through already said, the (inter) speeches. In AD, the subject sets up a representation from a social position. In this sense, a speech to be delivered by a subject, echoes the historicity of a given group, as is the case of women in Brazil. A minority that brings in its historicity a historical burden of preconception and discrimination. To analyze the representation of women in the joke genre, in addition to presenting an identity constituted for the woman in this male-dominated society, allows a look in the direction of the senses that constitute the identity of the writer who, to make a mockery of the feminine image, attempts to reduce the object debauchery of their own origin: the woman.

Keywords: Speech. Anecdote. Woman. Identity.

1. Introdução

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). elisilvamaral@hotmail.com

²Pós-Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professor do Curso de Letras e do Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMS). marlon@uems.br



A formação ou construção da identidade demanda um processo de rompimentos, negativas, transformações e confrontos. Os grupos ou gêneros considerados minoritários, em especial, experimentam essas questões, de forma muito contundente, situados em um espaço histórico-temporal.

Na Análise de Discurso, um conjunto de formações imaginárias colabora para a efetivação da identidade, uma vez que a mesma se delimita/demarka em relação ao outro. E é por meio do discurso fazendo sentido que o ser, depois de interpelado pela ideologia, é configurado em sujeito, tem sua identidade demarcada.

Nesse sentido a linguagem oferece a contribuição de auxiliar na produção de efeitos de sentidos. As palavras, não significam por si, mas, repletas de historicidade, circulam ou veiculam ditos, não ditos e interdiscursos, que pelo processo parafrástico ou polissêmico manterão os já ditos e também trarão o “novo” dizer para a identificação do “novo” sujeito.

Transformando-se o discurso, fazendo-se novo, novos sujeitos também se observam. Nesse sentido a mulher vem rompendo com sua “imagem do passado”, motivando uma “nova” (outra) discursividade que, frente ao outro, requer rompimento, reivindica novo espaço, configura uma “nova” história.

Este trabalho pretende conhecer, por meio das anedotas machistas, a configuração que a identidade feminina vem sofrendo ao longo da historicidade, afirmativas, negativas e transformações dos últimos tempos.

Para se alcançar essa finalidade, serão utilizados os instrumentos de interpretação fornecidos pela AD, a fim de perceber a relação estabelecida entre os enunciados presentes no gênero anedota e a construção de sentidos de valores sociais presentes na sociedade de hoje e na sociedade de ontem, com o objetivo de investigar se houve transformação.

2. Considerações sobre identidade para a Análise de Discurso

Em Análise do Discurso (doravante AD), não é possível falar de identidade sem alguma medida de reflexão sobre certos conceitos básicos presentes no referencial teórico dessa ciência que, de alguma forma, interferem nos conceitos que, geralmente, são atribuídos ao termo. Sem eles, as definições não fariam o mesmo sentido para as considerações pretendidas por meio deste estudo.



Como seres simbólicos que somos, sempre aptos a reclamar os sentidos (das palavras, dos discursos ou das situações), logo nos predisposmos a conceituar ou a buscar o sentido de uma palavra, de um significante, se já não é raro fazermos isso com outros, muito mais insistentemente o fazemos com a “identidade”, que diretamente nos define e nos significa.

Em AD, porém, a questão começa por desconstruir uma referência básica presente no conjunto de conceitos comumente arraigado à concepção de identidade: a relação entre identidade e indivíduo. Nesse campo teórico, o indivíduo cede lugar ao sujeito, que surge quando o homem é atravessado pela ideologia que se materializa no discurso.

A AD Pêcheutiana, ao se constituir nos entremeios da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise (Orlandi, 2012, p.19) vem fazer da linguagem, a ferramenta da materialização da ideologia por meio de atributos do inconsciente. Para a autora, principal representante da Análise do Discurso de linha francesa no Brasil, o homem percebe o mundo e com ele interage por meio da linguagem, isto é, do simbólico.

No entanto, o que ocorre nesse relacionamento entre homem e mundo, não é uma apreciação passiva, mas uma relação em que o homem, por meio da historicidade, significa o mundo ao mesmo tempo em que é envolvido pela ideologia que perpassa a história mundial sendo, da mesma forma, significado por ela, conforme Orlandi (2008, p.100): “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história”.

Para a AD de linha francesa, o indivíduo, ao ser atravessado pela ideologia, passa da condição de homem “consciente de suas ações” para a projeção de sujeito no momento em que, assujeitando-se à linguagem, “produz” um discurso. Esse dizer, que se funde e se confunde entre o passado e o presente da história, entre os ditos e os não ditos, acaba sendo realizado em meio a ilusões. Ato denominado por Pêcheux (1997, p.161); de esquecimentos: no esquecimento número 2 “todo sujeito falante “seleciona [...] um enunciado, forma e sequência e não outro””; ao passo que, o esquecimento número 1 “dá conta do fato de que o sujeito falante não pode por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (idem, p.162).

Essa teoria explicita a necessidade do indivíduo de se apresentar como “único”, portador de uma identidade capaz de “singularizá-lo”, na medida em que, ao se posicionar como “construtor” do que diz, ilude-se, mas não abre mão de estar assegurado de ser ele “a pensar”, “a escolher” as palavras que significam o que “ele quer”, a fim de “transmitir” a



“mensagem” na qual “ele acredita”, e mais, sendo ele a origem da formulação do dizer, desconhecendo a própria realidade em que é inscrito como corporização³ de tantos outros que já passaram.

Em contrapartida a essa ilusão dos esquecimentos, na realidade da AD, o dizer do sujeito não ocorre em quaisquer circunstâncias, mas se inscreve em dadas condições de produção. Na concomitância em que sujeito e sentido se constituem mutuamente, em meio a dispersões, esquecimentos, historicidade, sempre pela ideologia, paradoxalmente, atemporal e de todos os tempos.

A identidade do sujeito, desse modo, é tão efêmera quanto ele, um tanto instável e imaginária; na mesma medida em que é apenas uma projeção em oposição ao outro, o mesmo outro que só é outro enquanto durar a existência do sujeito, ou seja, a identidade desse sujeito é uma representação imaginária. O sujeito é representado num jogo de imagens, sua identidade aflora em representação simbólica; o sujeito “se mostra” com um perfil identitário que nada mais é do que o reflexo das relações estabelecidas pelos elementos que compõem as “representações imaginárias” de Pêcheux (1990, p. 83/84)..

Nesse sentido, ocorre o processo de “antecipação” (Pêcheux, 1990, p. 84) entre interlocutores que se analisam e se questionam: “Quem sou eu para lhe falar assim?/ Quem é ele para que eu lhe fale assim?/ Quem sou eu para que ele me fale assim?/ Quem é ele para que me fale assim?”, cujas respostas vão ao encontro da “elaboração” de alguma identidade, uma vez que, ao ser interpelado em sujeito pela ideologia, o indivíduo, segundo Orlandi (2008, p. 106), se desloca do “bio, psico para o social”, ou seja, da forma sujeito-histórico para a individualização causada pelo Estado num sistema capitalista, tornando-se uma nova projeção, de acordo com “as instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde” (idem).

Essa transposição vem auxiliar na “formação” da identidade refletida na imagem desse sujeito. Ela será a soma das características impostas pela instituição por ele representada, ou seja, o lugar onde se encontra situado como sujeito, no momento e no espaço da formação discursiva, atravessado pela ideologia que o interpela, visitado por interdiscursos, que se reverterão em intradiscursos. Assim, o sujeito ganhará forma ao mesmo tempo em que terá o discurso formulado por meio do assujeitamento à linguagem.

³ Do verbo *corporizar*, entenda-se como dar forma de corpo; materializar.



Para Rodrigues (2010, p.85), “A identidade se apresenta e representa para si e para o(s) outro(s) que estiver (em) em questão e/ou disputa”. Isso quer dizer que ela nasce no jogo tenso de representação das imagens, no embate entre o sujeito e o outro, na contradição dos posicionamentos, proveniente do lugar de onde fala. No momento em que os sentidos se constroem, é que a identidade do sujeito se revela e permanecerá construída enquanto durar o “cargo” desse sujeito, que só existe por causa da ideologia que o interpela, até que novas “formações imaginárias” (Pêcheux, 1997, p. 84) venham apagá-lo e/ou (re) significá-lo.

Nesse sentido, para a AD o sujeito não é um ser ou elemento vitalício, mas uma inscrição imaginária e temporária, um homem “pode assumir diversas identidades a partir de momentos específicos” (Rodrigues, 2010, p.87). Isso confirma que a identidade, para esse campo teórico, independe da constituição humana, individual. Ao contrário, é, de alguma forma, desligada da vida como um ciclo ou como uma evidência continuada de um ser, que nasce, cresce, reproduz e morre, mas está interligada à historicidade. Como explica Rodrigues :

[...] a identidade não é algo sempre lá, em algum lugar na/da linguagem, mas algo cuja característica é a de ser construída, reconstruída, transformada, “preservada”, adaptada, significada a cada enunciação ou conjunto de enunciações, considerando as “circunstâncias sócio-históricas”. (RODRIGUES, 2010, p.88) – *grifos do autor*.

Além da identidade “individual”, nossa sociedade conhece a identidade de grupos demarcados por determinadas características comuns aos elementos que os compõem. Essas características são organizadas por processos de oposição que podem estar relacionados a sexo, posição social, etnia, idade, entre outros, observando-se as ideologias presentes nos discursos em que se manifestam.

A identidade (com maior ou menor estabilidade) se constitui, surge em forma de negação, de afirmação, de oposição, de negociação, de ressignificação, de divisão de espaço, de reivindicação) a partir das práticas de produção dos discursos, o que implica considerar necessariamente sua *filiação a espaços de discursividade*. (Pêcheux, 2005: 52) na sua relação direta com a memória discursiva (Pêcheux, 1999: 56) pelo interdiscurso (Pêcheux, 1997:163) e como um “furo”, no/do acontecimento, enquanto “um espaço móvel de divisões, de disjunções de deslocamento, réplicas e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (idem, 56). Nesse sentido, a identidade não é algo estabilizado *ad infinitum*, mas sujeito aos movimentos políticos, culturais e ideológicos que imperam em determinados períodos históricos.
(RODRIGUES, 2010, P. 19)

3. A mulher: um gênero demarcado pela luta da construção da identidade



Um dos grupos constantemente visitados pela discriminação tem sido o das mulheres. Retirado da seção “Direitos da mulher” o documento “Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres” registra o seguinte enunciado “Preocupados, no entanto, por constatarem que, apesar destes diversos instrumentos, as mulheres continuam a ser objecto de importantes discriminações;”, produz o sentido de confirmar a ocorrência de discriminação em um país que tem como presidente uma mulher.

Apesar de estar presente em grande parte do mercado de trabalho, em diversos segmentos sociais, ocupar cargos administrativos nas mais diversas áreas e até mesmo ter alcançado a presidência da república, isso não significa que o preconceito quanto ao gênero tenha sido superado. Na sociedade brasileira, a mulher continua sendo vista como um ser de capacidades limitadas e dominado pelo homem.

O desrespeito às mulheres é demarcado na cultura popular por discursos humorísticos que produzem um efeito de sentido de desvalor e propagação daquilo que a sociedade machista delimita, tanto como atribuição da mulher, quanto como o que considera não lhe ser atribuição, ou para o que considera lhe faltar competência. Esse discurso está presente nos enunciados de anedotas, que, para Possenti são veículos para exploração de temas como

[...] sexo, política, racismo (e variedades que cumprem um papel semelhante, como etnia e regionalismo), canibalismo, instituições em geral (igreja, escola, casamento, maternidade, as próprias línguas), loucura, morte, desgraças, sofrimento, defeitos físicos (para o humor, são defeitos inclusive a velhice, a calvície, a obesidade, órgãos genitais pequenos ou grandes [...]) (POSSENTI, 1998, p. 25-26)

Nesse sentido, anedotas retiradas de um *site* na *internet* serão usadas nesse estudo explorando a política de organização ou posicionamento do homem em relação á mulher, e o racismo, palavra que era usada à época com o sentido estendido também para as questões de pré-conceito, bem como relações em alguns modelos de casamento e o sofrimento pela desigualdade de condições entre gêneros.

A análise de dados requer do analista constante retorno aos dispositivos teóricos da Análise de Discurso. É por meio de todos eles que esse processo pode ser assegurado. De forma especial, os recursos oferecidos pela metáfora, paráfrase e polissemia são capazes de nortear os deslocamentos que tornam possíveis os diálogos entre as historicidades, o acesso aos arquivos da memória, aos interdiscursos.

É assim que os sentidos se constroem em contato direto com as práticas discursivas que compuseram e compõem a história. São os efeitos de sentidos registrados nos interdiscursos que permitem a “leitura” dos enunciados considerados atuais. Segundo Orlandi:



Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São feitos de sentidos que são produzidas em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. (ORLANDI, 2012, p. 30).

4. O discurso

É por meio do discurso, que pode ser caracterizado como, “feito de sentidos entre locutores” (Orlandi, 2008, p.73), que a ideologia de uma época se manifesta. E por ela também a ideologia de outras épocas, já que um discurso é atravessado por outros. Essa palavra, muito presente entre pesquisadores de diversos campos na atualidade pode ser considerada polissêmica, gramaticalmente falando. Mas o sentido que nos interessa para o discurso, por duas formas é o fornecido pelo referencial teórico da AD. Seja no que diz respeito ao conceito para o termo. Seja relacionado ao sentido que ele veicula.

Nos domínios teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, esse termo adquire uma conotação particular, além de ser o objeto de estudo dessa cientificidade. Ao definir discurso como “percurso” (2012, p. 15), Eni Orlandi, traça as possibilidades presentes por meio dele e de sua construção: aparecimento, presença e possibilidade de continuidade desse fenômeno de uma forma muito significativa ao se ter por base a continuidade presente na ocorrência do discurso. O discurso, desse modo, não tem delimitado seu ponto inicial nem o ponto final. Ele se (re)constrói e se oferece, configurado em seus interdiscursos e arquivos da memória como matéria prima para “novos” discursos. A fundamentação para essa definição de discurso como “percurso”, vem de Orlandi. A autora apresenta informações que auxiliam no entendimento desse tópico em que o sujeito se constrói enquanto a língua faz sentido, apresentando alguns processos que permitem maior entendimento sobre a constituição do discurso por meio de alguns tópicos:

Os processos de produção do discurso implicam três momentos igualmente relevantes:

- 1- Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
- 2- Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e
- 3- Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (ORLANDI, 2008 p. 09)

Em 1, a autora se refere à memória, outro elemento polissêmico se levado apenas como estudo de vocabulário/sentido de/em língua portuguesa. Entretanto, o sentido que interessa para os estudos em AD, é a definição de memória utilizada por Pêcheux:



[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.” PÊCHEUX, 1999, p. 52)

Nessa definição, Pêcheux confirma o “arquivamento” da existência de outros discursos anteriores e também de outras memórias registradas, contribuições da historicidade que acompanha os acontecimentos. Ocorrências situadas nos arquivos da “história” que acompanham a existência do “homem”. Essa é a contribuição oferecida pela relação do materialismo histórico com a psicanálise – o primeiro trazendo os registros das histórias que a humanidade viveu, demarcada pela ação de “sujeitos” de diversas épocas por meio da linguagem, como diz Gomes:

os falantes não utilizam a língua apenas para exteriorizarem seu pensamento ou estabelecerem comunicação, mas usam para realizarem ações, para atuarem sobre o outro, ou seja, é pela linguagem que interagimos com os outros e produzimos sentido numa dada esfera social, histórica e ideológica. (GOMES, 2012, p. 12)

A segunda oferece respostas que justifiquem a ocorrência e registro dessas memórias além dos processos de arquivo e (trans)formação do que deveria ser considerado passado, mas se movimenta na direção da evolução do tempo, sob alguma medida, isto é, o passado (trans)formando-se em presente, o ontem se reconfigurando como hoje ou como parte dele. Afinal, “Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois.”(Orlandi, 2008, p. 14.)

O que permite a transformação ou passagem desse mecanismo arquivado no interior a fim de que alcance o exterior, daquilo que era apenas produto de uma representação imaginária para o real é a linguagem. Afinal, é por meio dela que psicanálise, materialismo e a própria linguagem vêm ao exterior, apresentam-se, fazem-se conhecidos. A mesma linguagem, em outras épocas, usada para que outros discursos ocorressem em outras épocas, hoje chamados interdiscursos, que, de alguma forma, ficaram arquivados na memória, se dispersam, passando a fazer parte do processo de esquecimento. Para Orlandi, (2012, p. 14) “O que temos são sempre “pedaços”, “trajetos”, estados do processo discursivo.” A memória tem a propriedade de arquivar a história da humanidade, os acontecimentos que estão do outro lado do dizer e que contribuem para que o discurso venha a fazer um sentido e não outro.

Já a formulação pode ser entendida como o momento em que o sujeito, ao “selecionar” o que “pretende” dizer, “fazendo uso de um vocabulário que “julga conveniente” para produzir o efeito que “deseja”, construindo assim o discurso, por meio de



ilusão, acreditando ter em si o controle de tudo, “produz” o discurso. Isso se dá pelo processo de esquecimento.

Se na constituição se fazem presentes os interdiscursos com seus “ecos históricos” ressoando acontecimentos já passados, na formulação aparece o intradiscurso, ilusoriamente sendo produzido sob efeitos alojados na memória discursiva e se apóiam nos esquecimentos para que se produza um discurso “novo”, outro, auxiliados pela paráfrase e pela polissemia. Enquanto que a circulação se volta para os espaços de percurso, ou vias por onde o discurso pode circular e que influenciam também na produção de seus sentidos.

Nesse sentido, não poderia ser estabelecidas fronteiras que, de alguma forma, delimitassem o campo, ou campos de atuação de cada um desses itens, a fim de gerar uma compreensão dessas etapas que auxiliam na composição do discurso. Para efeito didático, a constituição poderia ser definida como a essência, a matéria prima que compõe o discurso, nasce da memória discursiva, do já-dito, sempre envolvida pela ideologia. A formulação seria responsável pela organização desses componentes essenciais, as medidas desses “ingredientes” arquivados. Já a circulação seria resultado do “desprendimento” desse dizer em relação ao sujeito, o dizer exteriorizado, depois de dito, seguindo seu curso por determinadas vias de acesso.

Por esses processos, pode-se entender que “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando” (Orlandi, 2012, p. 15). Há uma inter-relação na qual o discurso está relacionado ao movimento, o movimento à história, a história ao sujeito e o sujeito, por sua vez, à história. O homem que fala é o sujeito, que faz história e que é feito por ela, por intermédio da linguagem, que materializa a ideologia na realização do discurso.

Segundo Orlandi (2012, p. 14), o Discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular.”

Disso decorre a importância da interpretação analítica. Ao se buscar pela análise como mecanismo de investigação da (trans)formação da identidade da mulher, é preciso ter como parâmetro que

De sua parte, o especialista compreende porque lê mediado por um dispositivo teórico que desloca suas maneiras de fazê-lo. À partir daí, pensamos a tarefa do analista de discurso como sendo a da construção de um dispositivo que leve o sujeito à compreensão do discurso, ou seja, á elaboração de sua relação com os sentidos, desnaturalizando-os e desautomatizando a relação com a língua, consigo mesmo e com a história. (ORLANDI, 2008, P. 14).



5. Discurso de delimitação de espaço de atuação para a mulher

- (01) O mundo é a casa do homem. A casa é o mundo da mulher.
- (02) Sabe por que as mulheres têm pés pequenos? Pra ficar mais perto da pia.
- (03) Por que as mulheres só precisam aprender a contar até 6? Porque não inventaram fogão com mais de 6 bocas.
- (04) Nem todas mulheres se realizam no fogão. Muitas só encontram a felicidade no tanque.
- (05) Sabe quando as mulheres vão ganhar seu lugar ao sol? Quando inventarem cozinha com teto solar.
- (06) A maneira mais cara de um homem ter sua louça lavada de graça é se casando.
- (07) O que faz uma mulher na sala ? Turismo, pois deveria estar na cozinha!

O estado servil da mulher, demarcado linguisticamente pela prática discursiva de se chamar o marido de “senhor-meu-marido”, em séculos anteriores, parece ter deixado saudades a muitos machões que insistem em se colocar como tais ainda nos dias de hoje.

Como a sociedade concedia ao marido o direito de senhor da casa, o efeito de sentido produzido por esse título faz com que o homem insista em manter a mulher situada nesse espaço, onde ele poderia continuar exercendo seu senhorio e ela continuaria uma súdita fiel como quando, por não ter nenhum amparo legal, assegurava-se em “cumprir” com todos os seus “papéis domésticos” que lhe garantiam sustento e “segurança”.

Nesse sentido, observa-se no enunciado (01) que para ele, o senhor, o “mundo” é o limite, já que tem segurança e seus direitos garantidos e reconhecidos por onde for; para ela, o espaço se limita à “casa”, onde é “protegida” por ele, em troca de seu trabalho escravo, em troca de comida e lugar para ficar.

No enunciado (02), a anatomia da mulher “pé pequeno” é um atributo para mantê-la junto à pia. O “pé”, mesma parte do corpo que serve para caminhar, correr, locomover-se por espaços desejados. Melhor que sejam fortes, capazes de percorrer longas distâncias, no entanto os limites pretendidos pelo homem para a mulher são “pequenos”, limitados, assim, “pés pequenos”, por conseguinte, frágeis, fracos e limitados, não destinam-se ao risco dos avanços, melhor que permaneçam à pia.

Em (03) não é mais apenas o físico da mulher que se molda aos afazeres do reinado doméstico, mas a capacidade cognitiva também. Isso produz um efeito de sentido delimitador da capacidade ou condição intelectual da mulher: que ela não tenha capacidades cognitivas além dos afazeres do lar, afinal é para isso que ela serve. O que for além disso, pode ameaçar o domínio do reinado masculino.

No discurso (04), há uma preocupação com o psicológico feminino, por meio do efeito de sentido de “realizam”. Realização e a “felicidade” resgatam o sentido de satisfação pessoal. Nesse enunciado o homem reconhece que existem na mulher a necessidade e o direito de



realização pessoal, entretanto isso está situado entre dois pontos demarcadores: o “fogão” e o “tanque”. No primeiro ela cuida de alimentá-lo, nutrir suas necessidades, no segundo, ela lava a sujeira que poderia manchar a imagem masculina. É no casamento que o homem, além de tornar-se senhor, executa suas práticas morais: do sexo regulamentado ao controle da imagem ideal de família, educada, limpa perante a sociedade.

No enunciado (05), “lugar ao sol”, expressão cuja historicidade produz um efeito de sentido de amparo, de conquista de posição é posta como algo distanciado da realidade feminina. Algo que, na possibilidade de acontecer um dia, virá como parte de sua clausura: a cozinha. E que, “quando”, no tempo que porventura vier a ser, ainda será diferente do “lugar ao sol” masculino, cuja origem não é a mesma.

Em (06) o jogo de palavras entre “cara” “de graça”, produz sentido de estipular os valores no casamento, que para o homem traz despesas, investimentos, afinal ele é o emérito mantenedor, faz a boa ação de gastar dinheiro com isso; já a mulher – como servo não tem renda – não contribui com nada, fica de graça, só com os benefícios oferecidos pelo homem, que assim, permanece no prejuízo, sempre com direito à cobrança da dívida pendente.

No enunciado (07), “sala”, lugar nobre da casa, onde se recebem as visitas, lugar de acesso principal, não destinado a serviços. Lugar muito longe dos limites a que a mulher tem direito. A distância entre os efeitos de sentido de “cozinha” e de “sala” requer uma “viagem”, “turismo”.

6. Discurso sobre diferenças entre direitos de homens e de mulheres

- (08) Todo homem tem o direito de ser bem tratado e toda mulher tem o direito de agradecer.
(09) Lá em casa nós temos direitos e deveres: Eu fico com os direitos e minha esposa com os deveres.

Se a constituição assegura que homens e mulheres têm os mesmos direitos, isso está transformado em piada. No enunciado (08): ambos têm direitos iguais, já que as duas palavras são iguais para os dois gêneros: escritas e pronunciadas da mesma forma, mas o efeito de sentido no caso do homem é o de ser bem tratado; por quem? Ora o trocadilho é feito entre as palavras “homem” e “mulher”. Se um recebe a ação, é do outro que a recebe.

Já o direito da mulher é o “de agradecer”, verbo transitivo direto e indireto, requer um complemento para agradecer a quem ? (ao homem) / pelo quê? [...] O efeito de sentido da elipse do objeto indireto se encarrega de responder: o óbvio não precisa ser dito: por tudo o



que ele lhe fizer, já que “toda e qualquer ação” vinda dele, “é uma dádiva”, merecedora de toda gratidão.

Novamente salta da anedota a questão de direitos e deveres, em (09) cujo efeito de sentido se volta a “deixar escapar” uma prática discursiva: o homem tem “direitos”, a mulher não, ela só tem “deveres”. Onde ? “Lá em casa”, cujo efeito de sentido remete ao “reino” onde o “senhor-marido” é a autoridade e como tal, faz o que quer, como quiser.

7. Discurso sobre a (in)capacidade intelectual da mulher

- (10) Toda mulher precisa de terapia. TER ... A ... PIA... sempre cheia de louça para lavar e não ficar pensando em bobagem.
- (11) Intuição feminina nada mais é do que o resultado de milhões de anos sem pensar.
- (12) Por que as mulheres vivem sacudindo os cabelos de um lado para o outro? Pra ver se o cérebro pega no tranco.
- (13) Você sabe por que as mulheres não conseguem escutar música com fone de ouvido? É porque o som não se propaga no vácuo.
- (14) Sabe quando é que uma mulher perde 95% de sua inteligência? Quando ela se separa do marido.

Nesse discurso a capacidade mental da mulher é ridicularizada. Como o discurso produz seus efeitos de sentido também pelo não-dito, desses enunciados salta a preocupação do homem com os pensamentos femininos. A mente feminina foge à capacidade masculina de domínio. Nesse sentido, surge a tentativa de ocupar a mulher ao máximo na tentativa de evitar que lhe sobre tempo ou condição para pensar “bobagem”. Bobagem, asneira, qualquer coisa sem importância para o “reino” do “senhor-marido”, ou aquilo que ele não considera útil.

O verbo “precisa”, como transitivo direto, não permite a voz passiva, que viria ao encontro da necessidade do homem na construção do sentido favorável ao contexto, já que, para a segurança do reinado dele, “a pia cheia de louça é *precisada*” pelo homem para que a mulher não tenha tempo nem energia para pensar.

Já em (12), “pegar no tranco” e (13), “vácuo” produzem o sentido por aquilo que não dizem, enquanto as mulheres têm seus números elevados nas estatísticas de estudo e formação, em vários casos, já ultrapassando ou tendo ultrapassado os índices masculinos, permanece a política cegueta que ainda não permite aos homens compreenderem que o cérebro das mulheres funciona e tão rápido que elas já pensaram, agiram, saíram do domínio deles e eles ainda nem se deram conta de que elas pensam. E no cérebro de muitos deles, ainda estão fixadas as mesmas imagens que seus egos tentaram projetar sobre as mulheres, ou seja, imagens retrógradas que se adéquam perfeitamente a pensamentos retrógradados.



No discurso (14) há uma tentativa de provar a necessidade da mulher também em relação à capacidade intelectual do marido. Ela precisa dele para morar, para se alimentar, para se vestir, para ter um nome e também para ter inteligência. “95 % de inteligência”. O que produz um sentido de perda imensurável. Separar-se dele, para ela, seria um prejuízo incalculável, devastador.

8. Discurso sobre mulher e direção

- (15) “As mulheres não tiram carteira de habilitação. Tiram porte de arma.”
(16) “Você sabe por que as mulheres não sabem fazer baliza? Porque o fogão não tem marcha ré.”

Se os pés das mulheres precisaram ser tachados de pequenos para mantê-las presas à pia, liberar-lhes o volante do carro, seria algo tenebroso. Até onde elas poderiam ir? Para que confins poderiam fugir? Como mantê-las estáticas nos domínios permitidos? Nesse sentido, embora as estatísticas revelem que as mulheres cometem bem menos acidentes que os homens, eles insistem em direcionar a elas críticas sobre direção.

A troca de “carteira de habilitação” por “porte de arma”, em (15) produz um efeito de sentido muito peculiar. O sentimento de assassinato por parte do “senhor-marido”, que sucumbe agonizante, impulsiona-lhe a gastar o último suspiro denunciando sua agressora, que, com habilitação em mãos, porta “uma arma” contra a imagem e reino do dominador.

Em (16), é reforçada a relação entre o espaço da mulher e a cozinha, efeito de sentido produzido pela expressão “o fogão não tem marcha à ré”, como se o universo de aprendizagem da mulher fosse o fogão. Na realidade, ela “pilotou o fogão”, já deu marcha à ré, manobrou, arrancou e foi. Já está na velocidade permitida pela quinta marcha, mesmo com os quebra-molas do preconceito da sociedade tentando reduzir-lhe a velocidade.

9. Discurso de demarcação da utilidade sexual da mulher

- (17) O melhor movimento feminista continua sendo o dos quadris.

Diante do preconceito enfrentado pela mulher ainda na sociedade atual, muitos têm sido os movimentos na tentativa de amenizar e extinguir esse problema. Esses movimentos têm feito ruir o reinado do “senhor-marido”, mesmo em face de uma luta social, que não quer ver, talvez até pelo efeito de sentido prejudicial que lhe causa.

Para ele a luta da mulher não significa nada, já que ele não reconhece sua identidade humana. Ao contrário, cultiva a imagem da mulher-objeto, funcional, apenas aparelho para



realização de algo. Nesse sentido “movimento de quadris” produz um efeito de sentido de atendimento das necessidades sexuais masculinas e só, uma função que só a mulher poderia realizar.

Ele, o outro, ao dizer isso, não percebe que nesse momento, o do movimento dos quadris, o do sexo, ele se encurva diante da mulher. O efeito de sentido que salta não era o que ele pretendia, já que, quase como um ato falho, diz o que não deveria: é mesmo o “melhor”, já que é por aí que ela o “derruba”, pegando-o pelo ponto de maior fraqueza. É nesse ato que do alto de seu senhorio, ele “depende” dela.

Pelo exercício de sua “consciência”, não está interessado nela, no que é importante ou motivador para ela. Ele quer sexo. É para isso que seu objeto serve ao se mexer. O movimento de quadris lhe estimula os hormônios sexuais, dão prazer: é o melhor. Para quem? Ora que pergunta! Quantas pessoas existem nesse conjunto de dois elementos? É o “melhor” para a única pessoa que tem seu status reconhecido nesse discurso, o outro elemento seria só um objeto de serviço, até que ele se “desperte” e se depare com a surpresa.

10. Considerações finais

A mulher, ao longo da organização da sociedade brasileira foi sendo representada pela imagem de subserviência diante da figura masculina, detentora de todos os direitos e necessidades. Esse discurso é demarcado por um período de tempo pela expressão “senhor-meu-marido”.

Com o tempo, essa expressão desaparece em sua forma escrita/oral, entretanto seu efeito de sentido permanece percorrendo outros dizeres e entrelinhas. A piada machista em relação ao papel e imagem da mulher se encarrega de ser um veículo de transporte desse discurso.

Por meio dessas anedotas que “pretendem” atribuir aos rompimentos e transformações da mulher um efeito de sentido pejorativo, o discurso do outro vai desenhando seus dizeres ao mesmo tempo em que a identidade da mulher do passado e do presente vai ganhando forma, em oposição ao machismo de seu outro.

Pode-se perceber que a luta da mulher, ao longo dos anos produziu rompimentos, gerou e tem gerado conflitos. Houve transformação na sociedade, na configuração dos papéis



de homens e mulheres, e percebe-se ainda a não aceitação por parte do homem da forma como a identidade da mulher se encontra hoje.

Na relação dos dizeres com a historicidade, em dadas condições de produção, sobretudo levando-se em consideração a formação imaginária e a antecipação ante a produção do discurso, tanto o sujeito-machista, quanto o sujeito-mulher têm suas identidades (re)construídas. O primeiro tentando se manter estável, no controle, o segundo, em meio à instabilidade, (trans)formando-se.

11. Referências

GADETT, F e Hak, T. (org.) **Por uma análise automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Betânia S. Mariani *et all*, Campinas. Ed. da Unicamp: 1990

ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012
_____. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas: Pontes. 2008

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**, Trad. Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes. 1997.

_____. **Semântica Discursiva. Uma crítica à crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

RODRIGUES, Marlon Leal. **Linguagem, Identidade, Gênero, História**. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.

_____. **Identidade: movimento do sujeito** In: PEREIRA, D. C.; RODRIGUES, M. L. (Orgs) **Língua e Literatura I: questões teóricas e práticas**. São Paulo: Nelpa. 2010.

POSSENTI, S.. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 1998.